

Folha de S. Paulo e a cobertura dos protestos do MPL¹

Anelisa MARADEI²

Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, SP

Resumo

O artigo tem por objetivo analisar a cobertura dos protestos pela redução da tarifa de transporte na capital paulista, realizada pela Folha de S. Paulo, de 6 a 20 de junho de 2013. As manifestações, encabeçadas pelo Movimento Passe Livre, reuniram milhares de pessoas nas ruas e levaram a polícia a uma ação violenta, que seria um marco que faria a imprensa, até então resistente à força das mobilizações, ampliar a cobertura dada aos fatos. Busca-se demonstrar, por meio das capas dos jornais, das páginas de Opinião, Painel do Leitor e Caderno Cotidiano, como os desdobramentos dos protestos conduziram o jornal a uma abrupta mudança de linha editorial, especialmente após as manifestações ganharem projeção e articulação nas redes sociais online.

Palavras-Chave: comunicação; redes sociais; protestos; Movimento Passe Livre; Folha de S. Paulo.

Introdução

O Brasil, desde o período da Ditadura Militar, regime autoritário que governou o País de 1º de abril de 1964 até 15 de março de 1985, vem presenciado mobilizações sociais em busca da redemocratização, que têm levado os cidadãos às ruas para clamar por seus direitos. Na década de 60 e 70, estudantes lutaram contra o regime militar e muitos morreram e foram torturados. Outro momento emblemático foi o do movimento civil de reivindicações de eleições presidenciais diretas, ocorrido em 1983/1984, denominado Diretas Já, que agregou diversos setores da sociedade brasileira: partidos políticos de oposição ao regime ditatorial, lideranças sindicais, civis, artísticas, estudantes e jornalistas.

Para reprimir as manifestações populares, durante o mês de abril de 1984, o então presidente João Figueiredo aumentou a censura sobre a imprensa e ordenou prisões. Houve violência policial. A Emenda Dante de Oliveira, apresentada pelo Deputado Federal Dante de Oliveira (PMDB-MT), que tinha por objetivo reinstaurar as eleições diretas para presidente da República no Brasil, não foi aprovada na oportunidade. Apesar da rejeição da Emenda na Câmara dos Deputados, o movimento pelas "Diretas Já" teve grande importância na redemocratização do Brasil. Suas lideranças passaram a formar a nova elite

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação, Mídias e Liberdade de Expressão do XIII Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestre em Comunicação pela Universidade Metodista de São Paulo, UMESP, email: ane@maradei.com.br

política brasileira. A aprovação de uma nova Constituição Federal em 1988 e a realização das eleições diretas para Presidente da República em 1989, depois de 29 anos, conduziria o alagoano Fernando Collor de Melo à presidência do Brasil. Porém, na década de 90, o povo sairia às ruas novamente em busca de direitos. Dessa vez, um movimento iniciado por estudantes brasileiros, denominado Caras-pintadas, que ocorreu no ano de 1992, pedia o impeachment do Presidente Collor de Melo e sua retirada do posto. O movimento baseou-se nas denúncias de corrupção que pesaram contra o presidente e ainda em suas medidas econômicas, e contou com milhares de jovens em todo o país.

A história seguiu e a década de 2000 passou em branco. Com a chegada ao poder do líder popular Luiz Inácio Lula da Silva, em 27 de outubro de 2002, e a esperança no mito de esquerda à frente da presidência do País, os movimentos acomodaram-se. Entretanto, sucessivas denúncias de corrupção, alavancadas especialmente pelo episódio do “Mensalão”³, problemas em setores como transporte, saúde, educação, utilização de recursos públicos para viabilizar a Copa do Mundo de 2014, entre outros tópicos, levaram a população novamente às ruas. As manifestações começaram a ganhar força em junho de 2013. O objetivo inicial dos movimentos sociais foram 20 centavos, acréscimo de valor na passagem de ônibus em São Paulo e alastraram-se por todo País: Rio de Janeiro, Curitiba, Porto Alegre, Maceió, Natal, Salvador, entre outras capitais, além de cidades do interior. Os movimentos ganharam também apoio de brasileiros no exterior, em cidades como Dublin (Irlanda), Berlim (Alemanha), Nova York (EUA) e Montreal (Canadá), além de cobertura na imprensa internacional.

O presente artigo busca realizar uma análise dos desdobramentos da cobertura dos protestos iniciados com as manifestações organizadas pelo Movimento Passe Livre, que tinha por objetivo a revogação do aumento da passagem de ônibus em diversas capitais brasileiras. Para tanto, o estudo apoia-se na observação em profundidade de matérias publicadas no jornal Folha de S. Paulo no período de 6 de junho a 20 de junho de 2013. Analisamos, especialmente, a capa das edições, página de Opinião, Tendências e Debates e o Caderno Cotidiano. Buscamos observar as seguintes questões: Capa do Jornal: destaque dado aos protestos, quantidade de chamadas concernentes ao tema, fotos e respectivas legendas; Opinião/ Tendências e Debates (páginas iniciais do jornal, localizadas no primeiro caderno, onde estão expostos os editoriais, além de artigos de opinião):

³ Escândalo do Mensalão é o nome dado à maior crise política sofrida pelo governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT), em 2005/2006. O episódio refere-se à compra de votos de parlamentares, no Brasil, que teve ação movida no Ministério Público denominada Ação Penal 470.

verificamos o número de textos que se referiram ao tema, a cada dia, bem como a linha editorial adotada; Painel do Leitor (página do jornal que abre espaço para manifestações e comentários de leitores acerca de temas e de matérias publicadas no jornal): observamos o percentual de manifestações de leitores que estiveram relacionadas ao assunto, bem como o conteúdo dessas manifestações; Caderno Cotidiano/Capa: quantidade de chamadas para o assunto, fotos, legendas, teor das matérias, espaço ocupado pelos protestos nesse caderno a cada edição.

Por meio da avaliação dos espaços mencionados, buscamos observar o destaque dado pelo jornal aos protestos, o posicionamento editorial da publicação diante dos fatos, dia a dia, a mudança de posicionamento no foco da cobertura e suas razões, a quantidade e o tipo de manifestações de leitores acerca dos movimentos. Embora o assunto tenha merecido referências nos cadernos de Política, Economia e, até mesmo Esporte, por ocasião das vaias recebidas pela presidente Dilma Roussef na abertura da Copa das Confederações, o caderno em que a pauta esteve mais presente foi o Cotidiano. Por essa razão, o mesmo foi escolhido para apoiar nossas observações. Quanto ao episódio das vaias à presidente, ocorridas no Estádio Mané Garrincha, em 15 de junho, vale registrar que o assunto ganhou repercussão internacional e levou a governante aos Trending Topics mundiais do Twitter, segundo apurou o portal Terra⁴.

Para o desenvolvimento do artigo, partimos da premissa de que houve uma mudança de comportamento editorial do jornal após atos violentos cometidos pela Polícia Militar contra manifestantes, ocorridos em 13 de junho em São Paulo. A capital paulista foi nosso foco principal de observação. Usamos outros estados e manifestações ocorridas fora do País apenas para sustentar nossas argumentações em momentos específicos do trabalho. Por fim, o artigo foi norteado por Revisão Bibliográfica, artigos em sites e revistas, que forneceram embasamento teórico a nossas argumentações e análises.

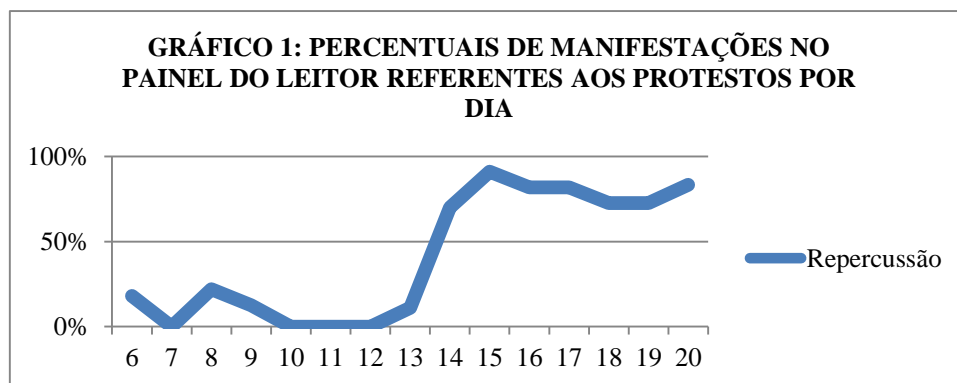
Movimento Passe Livre e seus desdobramentos

O Movimento Passe Livre (MPL) defende a adoção da tarifa zero para transporte coletivo. Foi fundado em uma plenária no Fórum Social Mundial em 2005, em Porto Alegre, e ganhou destaque ao participar da organização dos protestos em São Paulo em

⁴ VAIADA em estádio, Dilma é assunto mais comentado do mundo no Twitter. **Portal Terra**. Disponível em: <<http://esportes.terra.com.br/futebol/copa-das-confederacoes/vaiada-em-estadio-dilma-e-assunto-mais-comentado-do-mundo-no-twitter.f47852ded494f310VgnVCM20000099cceb0aRCRD.html>>. Acesso em 28 jun 2013.

2013. Na capital paulista, a escalada de protestos ganhou força a partir do dia 6 de junho, quando o MPL levou duas mil pessoas às ruas contra o aumento da passagem de R\$ 3 para R\$ 3,20. Na capa do jornal Folha de S. Paulo do dia 6, não havia menção à manifestação que ocorreria no período noturno. Nenhuma chamada sobre o que estaria por vir foi esboçada. Já no dia 7, o tema mereceria destaque na capa Folha em decorrência, evidentemente, das manifestações do dia anterior. Em tom contrário aos manifestantes, o jornal estampou “Vandalismo marca ato por transporte mais barato em SP”. A chamada era para o caderno Cotidiano. Uma foto em destaque na capa da edição trazia a legenda “Manifestantes liderados pelo Movimento Passe Livre, ligado a estudantes, ao PSOL e ao PSTU, queimam catracas de papelão na avenida 23 de Maio. Em Opinião e Tendências e Debates não havia uma linha sobre o tema, demonstrando que a publicação ainda não considerava o tema relevante para merecer destaque nos editoriais. No interior do jornal, no Caderno Cotidiano, a publicação trazia como chamada “Grupo reúne ala radical de partidos e estudantes”. “Rastro de destruição, danos patrimoniais, estações depredadas” foram os termos em destaque utilizados naquela edição, quando ainda havia uma evidente relutância por parte do veículo em considerar a importância dos protestos..

Dia 8 de junho, a publicação parecia estar contrária aos manifestantes. Na capa do jornal os dizeres: “Manifestantes causam medo, param marginal e picham ônibus”. No dia 10, mais uma vez, o prefeito da capital, na chamada de capa do caderno Cotidiano, defendia a ação da PM: “Haddad defende ação da PM para tirar protestos de vias”. Para prefeito, grupo deveria “renunciar à violência”. Até essa data, bem como nos dias 11 e 12 de junho de 2013, como se pode perceber pelo gráfico 1, havia um baixo índice de publicações de cidadãos no Painel do Leitor relativas ao tema. Por outro lado, o jornal dava destaque à “preservação da ordem”, sem dimensionar as razões que estariam levando os paulistanos a aderir, cada vez mais, o movimento.



Fonte: Dados referentes à observação do Painel do Leitor, da Folha de S. Paulo, de 06 a 20 de junho.

No dia 11, pesquisa Datafolha, destacou, no Caderno Cotidiano⁵, a alta no índice de rejeição de Haddad, que havia saltado de 14% para 21%, entre abril e junho. Eram os primeiros reflexos dos estragos que o movimento traria à imagem dos governantes. A manchete do jornal estampou “Haddad culpa preço da passagem por alta em sua rejeição”. Na capa do mesmo dia uma foto de um soldado em combate contra os manifestantes trazia a legenda “Triste rotina. Policial em confronto, no centro do Rio, durante protesto contra a alta da tarifa de ônibus; 31 pessoas foram levadas para a delegacia, nove delas menores”. Até esse momento, os policiais eram retratados pelo jornal como heróis e guardiões da ordem.

Na edição do dia 12, observavam-se os reflexos dos protestos de 11 de junho. Iniciava-se aí, em São Paulo, um acirramento da crise entre estado e cidadãos, orquestrada pela imprensa. A manchete do dia, dentro da mesma proposta editorial de tratar os manifestantes como “vândalos”, seria: “Contra tarifa, manifestantes vandalizam centro e Paulista. No 3º e mais violento protesto, ativistas enfrentam PM e atacam ônibus e estações do metrô; 20 cidadãos são detidos”. As fotos seguiam a linha de desqualificar o movimento e categorizar os manifestantes como baderneiros. Já no dia 13, com a imprensa alinhada contra o que até então era percebido como ato de “vandalismo” e não como uma manifestação legítima dos cidadãos brasileiros, o Governo de São Paulo cometera um erro estratégico que custaria popularidade a todas as instâncias administrativas: federal, estadual e municipal. Geraldo Alckmin, nesta oportunidade, declararia “guerra” aos manifestantes. A manchete da Folha de S.Paulo da data foi: “Governo de SP diz que será mais duro contra vandalismo. Polícia acionará Tropa de Choque em ato hoje, e Alckmin cobrará manifestantes por prejuízos”. A legenda da foto de capa da edição colocava novamente um policial como destaque: “Encurralado. Ferido, policial militar Wanderlei Vignoli agarra militante e aponta arma a manifestantes para evitar que fosse linchado no protesto de anteontem em SP; um dia depois, ele disse que teve medo e morrer ao ser cercado”. Vignoli teria seus minutos de glória e consagração como herói, mas o cenário, especialmente em relação à conduta da Polícia Militar se alteraria.

A Folha de S. Paulo, ainda na edição de 13 de junho, abriu espaço para que os líderes do Movimento Passe Livre publicassem um artigo, no primeiro caderno⁶, explicando “Por que estamos nas ruas”. Entretanto, não foi dado destaque e menção ao mesmo na

⁵ HADDAD atribui rejeição ao aumento da tarifa de ônibus. **Folha de S.Paulo**. 11 jun. 2013. Cotidiano. p.C1.

⁶ CAPPELLO, N.; OLIVEIRA, E.; GUIMARÃES, D.; SIQUEIRA, R. Por que estamos nas ruas. **Folha de S.Paulo**. São Paulo, 13 jun. 2013. Primeiro Caderno. p. A3.

primeira página do jornal. Em contrapartida, um editorial sugeria “Retomar a Paulista”⁷. Em um texto polêmico e tendencioso, que traduzia a posição do periódico, o protesto é chamado de abusivo, e a reivindicação de redução da tarifa não passaria “de pretexto, e dos mais vis”. Os jovens manifestantes estariam, segundo o jornal, “predispostos à violência por uma ideologia pseudorrevolucionária”. Os manifestantes são chamados de “grupelho”, numa tentativa de desqualificar os protestos, cercear a liberdade de expressão e restabelecer uma ordem que não parecia levar em conta a desordem do País, as condições dos transportes na cidade de São Paulo e a saturação do cidadão brasileiro em diversas áreas em que deveria ter seus direitos garantidos: saúde, educação, segurança. O texto continua: “É hora de pôr um ponto final nisso. Prefeitura e Polícia Militar precisam fazer valer as restrições já existentes para protestos na avenida Paulista...” E o editorial encerra com um decreto: “ No que toca ao vandalismo, só há um meio de combatê-lo: a força da lei”. Ficava, assim, evidente o desajuste na linha editorial do jornal Folha de S. Paulo, que historicamente buscou manter-se como uma publicação alinhada às esquerdas do País, especialmente após a ditadura militar, ainda que, muitas vezes, desafinando. Por outro lado, na mesma data, e realizando uma cobertura na mesma direção, defendendo a repressão, o jornal O Estado de S. Paulo trazia o editorial “Chegou a hora do basta”⁸.

O tom de combate aos manifestantes, com sugestão do uso da força policial, a desqualificação da mobilização nos primeiros dias de protestos, seria motivo para que a Ombudsman da Folha, Suzana Singer, se pronunciasse sobre o tema em 16 de junho⁹. Segundo ela, a diferença entre os textos dos dois jornais era que a Folha indicava a força da lei para coibir o vandalismo e sugeria “investigar, identificar e processar os responsáveis”. Já o jornal O Estado de São Paulo incitava o governador Geraldo Alckimin a abandonar o que seria uma postura ”excessivamente moderada para deixar a polícia agir”. A razão principal para que o tema merecesse o destaque da Ombudsman da Folha foram as críticas sofridas pelo jornal e por toda a imprensa, que vinha tratando os manifestantes como “vândalos” e subestimando as ações dos cidadãos em torno de direitos legítimos. Na oportunidade, Suzana bem afirmou que: “Folha, O Estado de S. Paulo e Jornal Nacional (Rede Globo) só tinham olhos para a destruição”, o que realmente evidenciamos em nossas análises, mais especificamente entre os dias 6 e 13 de junho.

⁷ RETOMAR a Paulista. **Folha de S.Paulo**. São Paulo. 13 jun. 2013. Primeiro Caderno. p. A2.

⁸ CHEGOU a hora do basta. **O Estado de S.Paulo**. Disponível em:

<<http://www.estadao.com.br/noticias/impresso,chevou-a-hora-do-basta-,1041814,0.htm>>. Acesso em 29 jun 2013.

⁹ FAROESTE urbano. **Portal Folha UOL**. Disponível em : <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ombudsman/114199-faroeste-urbano.shtml>>. Acesso em 29 jun 2013.

Entretanto, após a ação violenta da polícia, na noite de 13 de junho, que cometeu excessos e conduziu os confrontos com os manifestantes de forma despreparada e violenta, a edição do dia 14, surgiria com um novo tom. A Folha passou a adotar uma postura mais favorável aos cidadãos e os “vândalos”, que até então eram sinônimos de manifestantes para o jornal, passaram a ser vistos como minoria. Com a força da mobilização dos atores sociais e a tonificação do movimento nas redes sociais online, associada à desastrosa atuação das autoridades e polícia, a Folha de S. Paulo, bem como outros meios de comunicação, abandonariam a cobertura tendenciosa, que reforçava apenas os estragos realizados nas ruas por uma minoria. Sobre a postura tendenciosa do jornal, André Pires de Andrade Kehdi¹⁰, de São Paulo, se manifestaria, no Painel do Leitor, de 14 de junho:

O leitor Guilherme Cassis (Painel do Leitor, ontem) captou algo que me incomodava na Folha há dias: a hipocrisia da cobertura amplamente favorável aos manifestantes na Turquia, de um lado, e totalmente contrária aos brasileiros, de outro. Concordo com sua manifestação e não tenho dúvida de que a cobertura de nossa mídia – especialmente a televisiva – contribui, como sempre, para a manutenção do “status quo” do nosso país. Aliás, se não for esse o sentido do editorial “Retomar a Paulista” (“Opinião”, ontem), explique-me outro...

Na mesma linha, questionando a posição do jornal, Renata Guarido¹¹, de São Paulo, registrou, no mesmo espaço, na mesma data, a seguinte manifestação:

A Folha deixa de cumprir função importante ao dar especial visibilidade ao vandalismo presente nas manifestações organizadas pelo Movimento Passe Livre e pouca atenção, para não dizer quase nenhuma, ao que os manifestantes teriam a dizer. Seria mais interessante que se produzisse um debate em torno do movimento e não o uso tendencioso de imagem e acontecimentos violentos, que devem ser criticados, mas que não podem totalizar os fatos até aqui.

O professor de Ciência Política e Comunicação, Venício Lima, em artigo publicado no site da Central Única dos Trabalhadores¹², em 21 de junho de 2013, também ressaltou a mudança de posição da grande mídia, evidenciada a partir do dia 14 de junho:

A primeira reação da grande mídia, bem como das autoridades públicas, foi de condenação pura e simples das manifestações que, segundo eles, deveriam ser reprimidas com ainda maior rigor. No entanto, à medida que o fenômeno se alastrou, autoridades e mídia alteraram a avaliação inicial.

¹⁰ KEHDI, A. **Folha de S.Paulo**. São Paulo, 14 jun. 2013. Painel do Leitor. p. A3.

¹¹ GUARIDO, R. **Folha de S.Paulo**. São Paulo, 14 jun. 2013. Painel do Leitor. p. A3.

¹² VENÍCIO Lima: As manifestações de junho e a mídia. **Cut Brasil**. Disponível em: <<http://www.cut.org.br/destaque-central/52440/venicio-lima-as-manifestacoes-de-junho-e-a-midia>>. Acesso em 28 jun 2013.

Mudança de Posição

O fato é que, antes mesmo da quinta-feira, dia 13 de junho, dia do primeiro sério confronto entre Polícia Militar e manifestantes, o Datafolha já registrava 55% dos paulistanos apoiando os protestos¹³. Em realidade, a Folha de S. Paulo parece ter se esquecido, num primeiro momento, de um preceito básico: ao jornalismo não cabe julgar, mas manter o foco nos fatos, explicá-los imparcialmente, demonstrar quem eram aqueles jovens que estavam nas ruas e o que os movia. Confrontado pela realidade e pela força que ganhou o movimento nas redes sociais online, o periódico foi obrigado a reconhecer que não se tratavam de vândalos, mas jovens e cidadãos estarecidos com os desmandos políticos, denúncias sequenciais de corrupção de um governo que, num primeiro momento, havia sido idealizado como de postura progressiva e ética, mas que, pouco a pouco, foi se desmistificando diante dos olhos da sociedade.

Como propõe Marcondes Filho (2002, p.109) “[...] o clichê constrói antecipadamente a notícia: jornalistas não partem para o mundo para conhecê-lo, ao contrário, eles têm seus modelos na cabeça e saem pelo mundo para reconhecê-los (e reforçá-los). Essa foi mesmo a impressão deixada pela Folha de S. Paulo nos primeiros dias de cobertura dos protestos. Entretanto, como sustenta Marques de Melo (2006, p. 49), “Todo acontecimento envolve múltiplas variáveis, distintas motivações: é necessário desvendá-lo completamente, mostrando ao cidadão sua fisionomia integral”. Essa é a função a ser perseguida pelo jornalismo. Parece ter faltado ao jornal Folha de S. Paulo garantir aos leitores que os acontecimentos fossem captados sob diferentes ângulos. Nosso crítica não se restringe a uma idealização da imprensa, mas à perseguição de um jornalismo que permita uma visão plural dos acontecimentos, dando voz a vários setores da sociedade. Afinal como propõe Marques de Melo (2006, p. 50): “ A objetividade nas sociedades democráticas só se exercerá de modo pleno se houver garantia de pluralidade de canais de expressão jornalística, permitindo, portanto, que diferentes fontes de informação possam veicular as respectivas versões sobre os acontecimentos do cotidiano”.

Mas, se não foi possível alcançar um bom nível de debate nas páginas da Folha de S. Paulo nos primeiros dias das manifestações, a pluralidade de expressão viria das redes sociais online. Ficou evidente que, nesses espaços virtuais, os cidadãos puderam extravasar

¹³MAIORIA da população é a favor dos protestos, mostra Datafolha. **Portal Folha UOL**. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/06/1294919-maioria-da-populacao-e-a-favor-dos-protestos-mostra-datafolha.shtml>> Acesso em 28 jun 2013.

opiniões, buscar a mobilização e ouvir outros pontos de vista. Até pouco tempo, era a mídia impressa que criava e orientava os grandes movimentos populares, basta lembrarmos as “Diretas Já”, que mencionamos anteriormente. Hoje, entretanto, há um jeito novo de lidar e exercer o poder, um jeito que nem a imprensa e nem as instituições estavam acostumadas e que tiveram que enfrentar. Contatou-se, com esse movimento histórico, que, com o advento da internet e com a propagação de blogs, sites e redes sociais, não há mais necessidade de representação de governos, partidos ou imprensa. Cada cidadão pode expressar sua opinião.

Massimo Di Felice (In: MERCHIORI, 2012. p. 156), alinhado a essa perspectiva, ressalta que os atores sociais, nesses espaços, estabelecem novas formas de comunicação. Nesse sentido, manifestações como essa aconteceriam e ganhariam audiência porque, nas redes sociais online, os cidadãos tornam-se parte do processo de produção da informação. A rede anula a distinção entre emissor e receptor e oferece aos internautas o poder comunicativo e de manifestação e criação de informação. Ele pontua que: “As fórmulas da sociedade de massa, baseada na distinção identitária entre o emissor e o receptor, entre empresa e consumidor, instituições e cidadãos, informante e público, não conseguem mais explicar a complexidade e o dinamismo das interações sociais contemporâneas”.

Como reflete Castells (2003, p. 129):

A Internet torna-se um meio essencial de expressão e organização para esses tipos de manifestações, que coincidem numa dada hora e espaço, provocam seu impacto através do mundo da mídia, e atuam sobre instituições e organizações por meio das repercussões de seu impacto sobre a opinião pública. Esses movimentos pretendem conquistar poder sobre a mente, não sobre o Estado.

Em entrevista concedida à Revista Galileu¹⁴, por ocasião de sua visita ao Brasil para participar do ciclo de conferências Fronteira do Pensamento, no mês de junho de 2013, Castells ressaltaria: “São estes movimentos sociais e não políticos que realmente mudam a história, pois realizam uma transformação cultural, que está na base de qualquer transformação de poder”. O pesquisador pontuou que estes movimentos começam na internet, mas não são essencialmente digitais: “Eles só tornam-se visíveis e passam a existir de fato quando tornam as ruas”, explicou. Ele ainda ponderou que:

¹⁴ MANUEL Castells se apresenta no Fronteiras do Pensamento. **Revista Galileu**. Disponível em: <http://revistagalileu.globo.com/Revista/Common/0,,EMI339114-17770,00-MANUEL+CASTELLS+SE+APRESENTA+NO+FRONTEIRAS+DO+PENSAMENTO.html>>. Acesso em: 28 jun 2013.

São movimentos emocionais e que se unem pela recuperação de uma dignidade que se perdeu. Às vezes eles começam pequenos e parecem que se mobilizam por pouca coisa, mas que funcionam como apenas uma gota a mais em uma indignação que existe em todos os setores sociais, que as pessoas não aguentam mais.

O resultado dessa nova dinâmica de articulação dos cidadãos estaria estampado nas manchetes do dia 14 de junho, com o fortalecimento do movimento nas ruas, após tentativa desastrosa de repressão da PM no dia 13, e mudança brusca de posicionamento da imprensa. Orquestrada pelo governo estadual e municipal e apoiada pelo motivador discurso da imprensa, a PM, na referida data, excedeu-se, desafinou no tom e deixou no ar uma perplexidade coletiva que incendiaria ainda mais os cidadãos. Por outro lado, provavelmente acuada e também estimulada pela violência contra repórteres da empresa, a Folha trouxe a manchete: “Polícia reage com violência a protesto e SP vive noite de caos. No 4º. ato contra a tarifa, PM cerca manifestantes e usa bala de borracha e bombas de gás. Dezenas de pessoas ficam feridas e 192 são detidas. Haddad critica corporação”.

É relevante ponderar que o posicionamento de jornais, como Folha de S. Paulo e O Estado de S. Paulo, adotando coberturas consideradas parciais até 14 de junho, contribuiu para que a imprensa fosse criticada e até hostilizada pela sociedade e por manifestantes. Além disso, a mídia foi acusada de incitar a violência. O historiador e sociólogo Marco Antonio Villa, em entrevista concedida à Revista Imprensa¹⁵, afirmou que “A imprensa pulou de um lado para outro”. Ainda na mesma reportagem, além da Folha de S. Paulo, objeto principal de nosso estudo, foram destacados profissionais como o apresentador José Luiz Datena, da Band, e o comentarista da TV Globo, Arnaldo Jabor, como exemplos de formadores de opinião que mudaram de posição em relação ao movimento depois que as articulações sociais ganharam força. No caso do Jabor, após ser alvo de pesadas críticas, que emanaram em grande parte das redes sociais, ele retratou-se na CBN¹⁶ sobre comentário exibido no Jornal da Globo:

Amigos ouvintes, outro dia eu errei. Sim. Errei na avaliação no primeiro dia das manifestações contra o aumento das passagens em São Paulo. Falei na TV sobre o que me parecia um bando de irresponsáveis fazendo provocações por causa de 0,20 centavos. Era muito mais que isso. Pois eu fiz um erro de avaliação. E esta é minha auto-crítica”.

¹⁵ PACETE, L. Na corda bamba. **Revista Imprensa**, São Paulo, n. 291, p. 40-43, Jul 2013.

¹⁶ JABOR, A. Amigos eu errei. É muito mais do que 20 centavos. **Globo.com**. Disponível em:

<http://cbn.globoradio.globo.com/comentaristas/arnaldo-jabor/2013/06/17/AMIGOS-EU-ERREI-E-MUITO-MAIS-DO-QUE-20-CENTAVOS.htm>. Acesso em 29 jun 2013.

O fato a se observar é que a mudança de posicionamento de muitos jornalistas ficou evidente. No caso do jornal Folha de S. Paulo a heroica PM, de uma hora para outra, passou a ser vilã, como demonstra a imagem estampada na capa da edição de 14 de junho.



Giuliana Vallone, repórter da Folha de S. Paulo, vítima de uma bala de borracha, foi também capa da edição. Ferida no olho por PMs, já no hospital, ela desabafou: “Eu não estava atacando ninguém, não estava xingando ninguém. Estava fazendo meu trabalho”.¹⁷ Paralelamente, enquanto a imprensa se rendia à força do movimento das ruas, pesquisa Datafolha demonstrava que a aprovação do governo Dilma sofria a primeira queda desde que ela havia tomado posse em 2011, de 65% para 57%. A queda se acentuaria ainda mais nos dias subsequentes, indo para 30% no final de junho, segundo pesquisa Datafolha¹⁸.

No dia 17, o País foi às ruas novamente. Na Folha de S. Paulo, de 18 de junho, não havia mais espaço para contestar a legitimidade do movimento. “País em Protesto” dizia a capa do Caderno Cotidiano. A foto que acompanhava a manchete principal do jornal

¹⁷ PROTESTO contra aumento de tarifa é tema do “TV Folha”. **Folha de S. Paulo**. Disponível em: <<http://acervo.folha.com.br/fsp/2013/06/16/2/>> Acesso em 29 jun 2013.

¹⁸ APROVAÇÃO a Dilma despica de 57% a 30% em 3 semanas. **Folha de S. Paulo**. Disponível em: <<http://acervo.folha.com.br/fsp/2013/06/29/2/>> Acesso em 29 jun 2013.

mostrava os manifestantes na laje do Congresso. A legenda dizia: “Em Brasília, aos gritos de ‘o Congresso é nosso’, manifestantes quebram cordão de isolamento da PM e invadem a laje da sede do Legislativo; segurança do Planalto foi reforçada”. Na capa, em destaque: “Milhares vão às ruas ‘contra tudo’; grupos atingem palácios. E na capa do Caderno Cotidiano: “Onda de Protestos atinge 12 capitais, na maior mobilização depois do ‘fora Collor’. Manifestantes tentam invadir Congresso e Palácio dos Bandeirantes. SP tem público de 65 mil”.

Nas edições de 18, 19 e 20 de junho, os protestos definitivamente tomariam conta das páginas da Folha de S. Paulo. No Painel do Leitor, do dia 18, conforme demonstra o gráfico 1 (vide p. 7), das 11 opiniões expostas, 8 eram decorrentes de comentários sobre as manifestações, ou seja, 72,7% do total. Na capa, tomada pelo tema, eram seis as imagens que remetiam aos protestos. A página A2 trazia o editorial: “Protestos e vaias. Muda o clima político no país; governo Dilma não tem respostas para inflação, nem para saúde, educação, segurança e transportes”¹⁹. A Folha trouxe ainda artigos sobre a questão de Hélio Shwartsman, Vladimir Safatle, Carlos Heitor Cony, Eliane Catanhêde, sem dúvida, um time de primeira linha. No dia 19, diante de nova onda de violência e protestos que marcaram a capital no dia 18 de junho, o jornal estampava a manchete: “Ato em SP tem ataque à prefeitura, saque e vandalismo; PM tarda a agir”. O periódico restabelecia seu papel na cobertura jornalística dos protestos, separando baderneiros de manifestantes, cobrando ação da polícia sem excessos, ouvindo e abrindo espaço para autoridades, especialistas e diversos segmentos da sociedade. Novamente, os protestos mereceram espaço no editorial: “Incógnita nas ruas. Apesar de cenas de vandalismo, protestos mobilizam a classe média insatisfeita com desempenho de vários níveis de governo”²⁰. A foto principal da capa trazia a legenda: “Manifestantes entram em confronto com guardas municipais durante tentativa de invasão à Prefeitura de São Paulo”. Ocorre que, na noite de 18 de junho, houve pessoas infiltradas na manifestação que aproveitaram o movimento para saquear lojas, atear fogo a agências bancárias, e causar danos ao patrimônio público. Um carro da TV Record, a exemplo de outros episódios de hostilidade à imprensa, foi queimado. O cenário estampado na Folha de S. Paulo do dia seguinte aos fatos foi de uma verdadeira guerra civil. Entretanto, dessa vez, o que se via estava próximo da realidade presenciada no dia anterior. Em ampla cobertura sobre o protesto a Folha trazia como porta-vozes: representantes do

¹⁹ PROTESTOS e vaias. **Folha de S. Paulo**. Disponível em: <<http://acervo.folha.com.br/fsp/2013/06/18/2/>> Acesso em 29 jun 2013.

²⁰ INCÓGNITA nas ruas. **Folha de S. Paulo**. Disponível em: <<http://acervo.folha.com.br/fsp/2013/06/19/2/>> Acesso em 29 jun 2013.

Movimento Passe livre, que condenaram a violência; o prefeito Haddad; manifestantes pacíficos; funcionários públicos da prefeitura; Secretaria de Estado de Segurança Pública; PM, numa postura muito mais abrangente e crítica do jornal. Paralelamente, a edição trazia chamada de capa, com reportagem no Caderno Cotidiano²¹ acerca do aumento do apoio da população aos protestos, de 55%, da quinta, dia 13 de junho, para 77%. Diante do caos, pela primeira vez, o prefeito Haddad admitiu, na oportunidade, rever o reajuste das tarifas de transporte na capital paulista, o que seria anunciado na manchete de 20 de junho: “Protestos de rua derrubam tarifas”.

A Folha de S. Paulo, a essa altura não parecia o mesmo jornal de dias atrás. A foto da capa trazia a legenda: “À noite, cerca de 500 manifestantes, segundo estimativa da Polícia Militar, ocupam a Av. Paulista em ato pacífico para comemorar a revogação do aumento do valor das passagens”. O editorial do dia, “Vitória das Ruas”²², também mostrava um posicionamento diverso do de edições passadas. No texto, crítica a governantes e à truculência da polícia. Nem uma palavra contra aqueles que foram tidos como vândalos em outras edições. Ao contrário: “O movimento adquiriu tamanha repercussão no tecido social que ceder já se tornara imperativo de bom-senso”, dizia o texto. Mas não só os governantes cederam. Junho de 2013 deixou também uma importante lição: a de que, com a força das articulações propiciada pela internet, diante de novas formas de mediações, não há mais espaço para a visão imperativa dos jornais. São Paulo e o Brasil haviam vencido, não a guerra, mas uma batalha. Restavam ainda tantas outras: pela melhoria da saúde, educação, segurança, fim da corrupção e desmandos políticos.

Referências bibliográficas

APROVAÇÃO a Dilma despenca de 57% a 30% em 3 semanas. **Folha de S. Paulo**. Disponível em: <<http://acervo.folha.com.br/fsp/2013/06/29/2/>> Acesso em 29 jun 2013.

BRASILEIROS no exterior organizam atos para apoiar protestos. **Revista Exame**. Disponível em <<http://exame.abril.com.br/brasil/noticias/brasileiros-no-externo-organizam-atos-para-apoiar-protestos>>. Acesso em 28 jun 2013.

²¹ DESCRENÇA nos 3 Poderes subiu em 10 anos. **Folha de S. Paulo**. Disponível em: <<http://acervo.folha.com.br/fsp/2013/06/19/15>> Acesso em 29 jun 2013.

²² VITÓRIA das ruas. **Folha de S. Paulo**. Disponível em: <<http://acervo.folha.com.br/fsp/2013/06/20/2/>> Acesso em 29 jun 2013.

CAPPELLO, N.; OLIVEIRA, E.; GUIMARÃES, D.; SIQUEIRA, R. Por que estamos nas ruas. **Folha de S.Paulo**. São Paulo, 13 jun. 2013. Primeiro Caderno. p. A3.

CASTELLS, Manuel. **A Galáxia da Internet**: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade. Rio de Janeiro: Zahar, 2003, p. 129.

CHEGOU a hora do basta. **O Estado de S.Paulo**. Disponível em:

<<http://www.estadao.com.br/noticias/impresso,chevou-a-hora-do-basta-,1041814,0.htm>>. Acesso em 29 jun 2013.

DESCRENÇA nos 3 Poderes subiu em 10 anos. **Folha de S. Paulo**. Disponível em:

<<http://acervo.folha.com.br/fsp/2013/06/19/15>> Acesso em 29 jun 2013.

DI FELICE, M. **Auréola digital**: a crise dos pontos de vista centrais e o fim do direito exclusivo da edição das informações. In: MARCHIORI, M.; OLIVEIRA, I. **Redes Sociais, Comunicação, Organizações**. 1.ed. São Caetano do Sul: Editora Difusão, 2012. p. 156.

FAROESTE urbano. **Portal Folha UOL**. Disponível em :

<<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ombudsman/114199-faroeste-urbano.shtml>>. Acesso em 29 jun 2013.

GUARIDO, R. **Folha de S.Paulo**. São Paulo, 14 jun. 2013. Painel do Leitor. p. A3.

HADDAD atribui rejeição ao aumento da tarifa de ônibus. **Folha de S.Paulo**. 11 jun. 2013. Cotidiano. p.C1.

INCÓGNITA nas ruas. **Folha de S. Paulo**. Disponível em:

<<http://acervo.folha.com.br/fsp/2013/06/19/2/>> Acesso em 29 jun 2013.

JABOR, A. Amigos eu errei. É muito mais do que 20 centavos. **Globo.com**. Disponível em:

<<http://cbn.globoradio.globo.com/comentaristas/arnaldo-jabor/2013/06/17/AMIGOS-EU-ERREI-E-MUITO-MAIS-DO-QUE-20-CENTAVOS.htm>>. Acesso em 29 jun 2013.

KEHDI, A. **Folha de S.Paulo**. São Paulo, 14 jun. 2013. Painel do Leitor. p. A3.

MAIORIA da população é a favor dos protestos, mostra Datafolha. **Portal Folha UOL**. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/06/1294919-maioria-da-populacao-e-a-favor-dos-protestos-mostra-datafolha.shtml>> Acesso em 28 jun 2013.

MANUEL Castells se apresenta no Fronteiras do Pensamento. **Revista Galileu**. Disponível em:

<<http://revistagalileu.globo.com/Revista/Common/0,,EMI339114-17770,00->

[MANUEL+CASTELLS+SE+APRESENTA+NO+FRONTEIRAS+DO+PENSAMENTO.html](#)>.
Acesso em: 28 jun 2013.

MARCONDES FILHO, Ciro. **A Saga dos Cães Perdidos**. São Paulo: Hacker Editores, 2002.

MELO, José Marques de. **Teoria do Jornalismo**: identidades brasileiras. São Paulo: Paulos, 2006.

O ponto em comum entre a praça Taksim e avenida Paulista. **Revista Galileu**. Disponível em:
<<http://colunas.revistagalileu.globo.com/colunistas/2013/06/12/o-ponto-em-comum-entre-a-praca-taksim-e-avenida-paulista/>> Acesso em 28 jun 2013.

PACETE, L. Na corda bamba. **Revista Imprensa**, São Paulo, n. 291, p. 40-43, Jul 2013.

PROTESTO contra aumento de tarifa é tema do “TV Folha”. **Folha de S. Paulo**. Disponível em:
<<http://acervo.folha.com.br/fsp/2013/06/16/2/>> Acesso em 29 jun 2013.

PROTESTOS e vaias. **Folha de S. Paulo**. Disponível em:
<<http://acervo.folha.com.br/fsp/2013/06/18/2/>> Acesso em 29 jun 2013.

RETOMAR a Paulista. **Folha de S. Paulo**. São Paulo. 13 jun. 2013. Primeiro Caderno. p. A2.

SAIBA mais sobre os protestos em SP contra aumentos de ônibus e Metrô. **Globo.com**. Disponível em:
<<http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2013/06/entenda-os-protestos-em-sp-contr-aumento-das-tarifas-do-transporte.html>>. Acesso em 28 jun 2013.

SÉRIE de protestos no País é assunto mais comentado do mundo no Twitter. **Portal R7**.
<<http://noticias.r7.com/sao-paulo/serie-de-protestos-no-pais-e-assunto-mais-comentado-do-mundo-no-twitter-17062013>>. Acesso em 28 jun 2013.

VAIADA em estádio, Dilma é assunto mais comentado do mundo no Twitter. **Portal Terra**.
Disponível em: <<http://esportes.terra.com.br/futebol/copa-das-confederacoes/vaiada-em-estadio-dilma-e-assunto-mais-comentado-do-mundo-no%20twitter,f47852ded494f310VgnVCM20000099cceb0aRCRD.html>>. Acesso em 28 jun 2013.

VENÍCIO Lima: As manifestações de junho e a mídia. **Cut Brasil**. Disponível em:
<<http://www.cut.org.br/destaque-central/52440/venicio-lima-as-manifestacoes-de-junho-e-a-midia>>.
Acesso em 28 jun 2013.